

Uma boa noite de sono

Inspirado por uma ideia de Stephan Zweig

O concerto em Milão tinha sido um sucesso. É verdade que aquela não era a primeira vez em que o Teatro La Scala tinha estado lotado para assistir a um concerto sob a minha batuta, mas naquela noite eu senti um prazer diferente. Não sei porque, mas os aplausos daquela vez me fizeram vibrar como se fosse minha estreia à frente de uma orquestra sinfônica.

Num momento, curvado em agradecimento às ovações, por trás de minhas pálpebras momentaneamente fechadas de prazer, a memória do início de minha vitoriosa carreira projetava-se como um filme perfeito, sem cortes, sem a omissão de uma cena sequer.

Uma comemoração estupenda tinha sido organizada pelos empresários para celebrar o sucesso mas, naquela noite, senti uma gostosa vontade de ficar sozinho com minhas recordações. No camarim, troquei rapidamente o fraque por um terno simples, murmurei ao meu secretário algo sobre dar uma passada no hotel, saí pela porta dos artistas para livrar-me dos fãs e dos críticos, e dispensei o motorista da limusine com um gesto. Eu mesmo a dirigiria e, não, eu não voltaria para o hotel. Todas as noites, cair na cama exausto depois de um ruidoso coquetel nada mais era do que a antecipação de uma noite mal dormida. Eu me sentia feliz, e a tortura da insônia não estava nos meus planos.

Saí dirigindo sem pressa pelo trânsito milanês já mais calmo àquela hora da noite e fui-me afastando do centro, percorrendo lentamente os bairros na direção do sul. Em pouco tempo estava na estrada. Ao sul, Pávia. A sudeste, Lodi. Tomei a saída à esquerda e comecei a saborear aquele momento especial.

Minha carreira... Uma vida inteira dedicada à música, fanaticamente dedicada, um início obscuro na minha Úmbria natal, até a oportunidade de estudar em Roma. E, mais que tudo, o privilégio de poder assistir aos ensaios do grande Toscanini... Ah, Toscanini! O gênio malcriado, o general exigente no treinamento de seu exército que jamais poderia perder uma batalha na guerra da música! Sorri, ao lembrar-me que aquelas lições tinham moldado meu caráter e minha *performance* dali para a frente. Toscanini era minha meta e comecei imitando seu rigor. Como um jovem talento pode fazer carreira no mundo da música sendo gentil? Impossível. O grande maestro havia me apontado o caminho e foi com mão de ferro que passei a dirigir aqueles grupos de virtuosos vaidosos, cada

um falando uma língua diferente, todos se desentendendo até quando falavam o mesmo idioma. Disciplina! Isso eu tinha aprendido. E isso eu ensinei. Agora, depois de três décadas de talento imposto com autoridade, eu colhia as uvas que enchiam, para mim e para cada músico que havia se curvado à minha vontade, a taça borbulhante do sucesso absoluto.

O que me faltava? Nada... ou, talvez, um instante de gentileza. Graças ao meu nível de exigência, a maioria dos instrumentistas que haviam passado pela minha batuta tinham conseguido grande progresso em suas profissões, sem que eu precisasse jamais ter feito uma gentileza. Talvez fosse apenas isso que faltasse em minha vida: um instante de gentileza. Mas, para que serve a gentileza? É com gentileza que os generais comandam seus soldados nas vitórias? Não... talvez os instantes de gentileza também tivessem sido raros na carreira do grande Toscanini...

Pensando em tudo isso, eu já conduzia a limusine há um bom tempo, a sentir o frescor da noite italiana em plena primavera, quando as luzes de uma estalagem apontaram adiante, na estrada. Naquele lugar perdido, naquele estabelecimento de aspecto simples, ninguém reconheceria o grande maestro. Um bom lugar para fazer uma pausa e continuar saboreando minhas lembranças.

Estacionei a limusine fora das vistas dos frequentadores e entrei discretamente pela porta iluminada. Escolhi uma mesa afastada, contra a parede. Em pouco tempo, uma gorda senhora aproximava-se da mesa e retornava para providenciar o copo de vinho que eu havia pedido.

Haveria umas dez pessoas espalhadas pelo recinto. Todos homens e todos com aspecto de trabalhadores comuns, de gente simples, que esticava a noite e a bebida para adiar a volta para casa.

Veio meu copo de vinho, que eu sequer toquei. O sucesso tinha tornado delicado meu estômago. Eu raramente bebia, mas as exceções estavam reservadas para as safras raras, especiais, caríssimas, nunca para aquele vinho da casa. De uma casa pobre demais para que qualquer de seus fregueses jamais pudesse pagar uma frisa no La Scala de Milão.

A porta de entrada abriu-se timidamente e mais alguém entrou, hesitante. Um velho. Um pobre diabo que vestia roupas apenas um ponto antes de serem definidas como trapos. Tirava da cabeça um chapéu mais velho ainda e o retorcia entre as mãos que não paravam de tremer.

As feições daquele velho não me eram estranhas. Ele seria o retrato amarelecido de

alguém que eu conhecia. Mas quem? Ora, nem adiantava me esforçar para recordar-me. Afinal, já tinha conhecido tanta gente neste mundo! O velho deveria ser apenas parecido com alguém com quem eu talvez tivesse tido algum pequeno contato, em algum dia distante.

O homem percorreu lentamente a distância entre a porta e o balcão presidido pela gorda estalajadeira, tomando extremo cuidado para não esbarrar em ninguém, nem em alguma cadeira. Até para um observador menos treinado, sua atitude era a de alguém que não se sente no direito de estar ali. Ou de estar em qualquer outro lugar do mundo. No rosto vincado, por trás da barba por fazer, trazia um pequeno sorriso, algo apagado, estático, um eterno pedido de desculpas. Desculpas por quê? Pelo fato de existir, naturalmente.

Ele estava de costas para mim, agora, e sua expressão deveria estar implorando algo à estalajadeira, pois ela, com o canto dos olhos, percebia sua presença e, com a cabeça inteira, negava-lhe o pedido.

Ele girou o corpo, e seu olhar pedinte vagueou por todo o recinto. Ah, é claro que eu já tinha visto aquele homem antes! Mas, onde?

Nenhum dos presentes dava-lhe atenção e, por um instante, sua face humilhada mudou, transformou-se, e um brilho de dignidade ofendida projetou-se de seus olhos, para logo em seguida desaparecer, e olhar e corpo voltarem à postura de cordeiro sem mãe.

Pus-me a pesquisar nas gavetas mais profundas da memória e comecei a me lembrar. Ele era... Como era mesmo o nome dele? Sim! Era aquele violinista do início da minha carreira de regente... Um segundo violino, um homem de meia-idade, um músico apagado, discreto, mas que dava conta do recado. Oh, como eu me lembrava bem dele agora! Mas, como era seu nome?

– Eh, Palumbo! – riu-se uma voz gozadora. – Estás querendo beber de graça novamente?

Palumbo!? Giuseppe Palumbo. Era isso! Agora tudo me voltava à memória. O segundo violino Palumbo da primeira orquestra que tive sob minhas ordens. Ah, Palumbo! Eu e ele tínhamos quase nada em comum, mas havia um ponto. Se Toscanini era o meu guia, também fazia parte das poucas conquistas da vida de Palumbo: ele já fizera parte de uma das orquestras dirigidas pelo grande maestro.

Palumbo... Segundo violino e violinista de segunda classe, que lutava para sustentar a família e... Pobre Palumbo. Lembrei-me do seu pior momento, os três filhos mortos na

guerra, na distante Abissínia, e sua completa desestabilização. Como todos os medíocres, Palumbo sempre tinha cumprido com suas obrigações e tanto eu quanto ele sabíamos que ele jamais chegaria a spalla. Quem nasce para Palumbo nunca chega a Menuhin.

Mas a morte dos filhos foi seu fim. Deu para beber, faltou a dois ensaios, atravessou um compasso em um concerto, e eu não tive alternativa senão dispensá-lo. Mais tarde ouvi dizer que, no mais fundo de sua decadência, Palumbo havia se matado.

Agora eu descobria que isso não tinha acontecido. Era um morto-vivo, é verdade, mas ainda estava no mundo. Uma ruína trêmula. Um velho que nem mais tinha recursos para sustentar o próprio alcoolismo.

– Eh, Palumbo! – chamou outra voz, rouca, com forte sotaque do norte da Itália. – Queres beber, é? Olha aqui. Vem cá. Olha o que eu tenho pra ti!

O olhar do velho refletiu esperança ao perceber a moeda que o outro segurava entre o polegar e o indicador.

– Vem. Pega...

O velho estendeu a mão mas, no mesmo instante, o outro fez um movimento, jogando a moeda por cima dele, na direção de outro dos gozadores. Palumbo voltou-se, sem jeito, meio cambaleando, sem entender o que acontecia.

– O que, foi Palumbo? – provocava o novo detentor da moeda. – Não conseguiu pegar, é? Vem cá. Olha ela aqui...

Ingenuamente, deixando-se vitimar pela crueldade dos homens, Palumbo arrastou-se para o lado que o chamava.

– Ops!

E, mais uma vez, logo que o velho se acercava, a moeda era jogada para outro.

– Não pegaste, Palumbo? Não queres beber hoje? Não estás com sede?

Seu olhar perdido lembrou-me de um outro momento, há décadas atrás, no dia em que o despedi da orquestra. Naquele momento, seus olhos procuravam me penetrar, me escarafunchar por dentro, como se com isso pudessem me fazer voltar atrás em minha decisão. Nada disse o violinista depois de me ouvir. Levantou-se e desapareceu de minha vida para sempre.

Para sempre não. Desaparecera somente até aquela noite, quando eu o via ser humilhado por aqueles marmanjos como as crianças brincam de bobinho no recreio da

escola.

Minha carreira... De repente percebi que minha carreira tinha sido construída sim com suor, com estudo, com dedicação, com renúncia ao lazer, mas que também tinha sido construída em cima dos despojos humanos que eu ia abandonando pelo caminho ao longo da construção do meu sucesso. Para minha própria surpresa, naquele momento percebi que, se eu devia muita coisa a muita gente, àquele homem pelo menos eu devia alguma coisa.

Levantei-me e chamei, com a voz forte que fazia com que eu fosse ouvido até no fundo do palco pelo percussionista que se entrincheirava atrás dos duzentos integrantes de uma orquestra sinfônica completa:

– Professor Giuseppe Palumbo! O senhor, por acaso, é o grande Professor Giuseppe Palumbo?

Minha voz subitamente transformou aquela algazarra em um templo. Silêncio absoluto e duas dezenas de olhos fixos em mim.

Com um sorriso de admiração, andei na direção do velho, que estava boquiaberto de surpresa.

– Professor Palumbo! – eu disse, pegando sua mão entre as minhas, num gesto de veneração. – Mas que honra a minha encontrar o senhor! O grande Palumbo! O violinista preferido de Toscanini!

– Eu... oh, senhor... – balbuciou o homem.

Na certa, não me reconhecera. Eu era muito moço quando o joguei na valeta que iria conduzi-lo à ruína. Três décadas depois, eu estava mais robusto, com os cabelos totalmente brancos compondo a famosa cabeleira que sacudia-se freneticamente no comando dos fortíssimo para delírio da minha legião de fãs. Para ele, o jovem magro e arrogante que o havia desprezado tinha desaparecido em sua memória, e aquele homem bem vestido que lhe tomava as mãos era uma aparição surrealista.

– Eu... sim, meu nome é Giuseppe Palumbo...

– Senhor Palumbo! Eu também andei pelo mundo da música, sou um crítico, sabe? E lembro-me muito bem do grande Toscanini, no final da vida, lamentando-se de não terem dado certo seus planos de fazer uma turnê com o senhor como solista... Toscanini! Ninguém menos do que Toscanini!

– Eu?... Mas...

– Professor Palumbo, por favor, o senhor não se incomodaria de me dar um autógrafo? – pedi, subservientemente, tirando uma esferográfica e uma caderneta do bolso. – Por favor, se não for incômodo... Imagine: eu chegar em Roma e dizer que encontrei o grande Palumbo, em pessoa! Ah, e mostrar seu autógrafo!

– É claro... bondade sua... eu...

O Velho aceitava a caneta e seus dedos tremiam ao rabiscar o nome no papel.

– Obrigado! Oh, Professor Palumbo! Muito obrigado! – meti a mão no bolso e retirei uma nota grande, colocando-a sobre o balcão. – O senhor não se ofende, não é? Gostaria de pagar-lhe uma refeição... O senhor sabe... Não é qualquer um que pode se vangloriar de um dia ter podido pagar uma refeição ao grande Palumbo! – e rematei, para a espantada estalajadeira. – Por favor, senhora, sirva ao Professor Palumbo o que ele quiser. Do melhor que a senhora puder oferecer, por favor!

– Oh, senhor... – respondia a mulher. – É que eu não sabia que...

Não a deixei terminar e tomei novamente as mãos do homem nas minhas:

– Tenho de ir agora, Professor. Estou ansioso para escrever a crônica da próxima semana. Ah, ah! Vou caprichar para contar aos meus leitores que encontrei o grande Giuseppe Palumbo!

Sorrindo, fiz a última reverência e voltei-me para a porta. Parei um instante quando cheguei a ela. Era uma cena boa de se ver: ele estava reverentemente cercado pelos homens que até um instante atrás o humilhavam e dois deles pegavam cadeiras e aproximavam-nas do aturdido ex-violinista. Um ar de respeito pairava no ar.

Eu tinha conseguido o meu instante de gentileza. Voltei ao hotel e, em troca, pude ter uma boa noite de sono.